



## **Exposição de Mala Pronta - o viajante do Sesc conta sua história: memórias e realizações**

[Artigo 5, páginas de 62 a 81]





### **Ana Cristina de Souza**

*Pedagoga, Especialista em Planejamento e Marketing Turístico, Gestão de Projetos Culturais e Eventos e Docência no Ensino Superior. Atua no Sesc São Paulo como Assistente na Administração Central - Gerência de Estudos e Programas Sociais e cursa a Pós-Graduação "A Vez e a voz das Crianças - Escutas Antropológicas e Poéticas das Infâncias, na Casa Tombada. [cristidesouza@gmail.com](mailto:cristidesouza@gmail.com)*



**RESUMO**

O trabalho é composto pela descrição da vivência, obtida no processo de concepção e acompanhamento da exposição “De mala pronta – o viajante do Sesc conta sua história”, integrante da programação da unidade provisória do Sesc Avenida Paulista, nos anos de 2009 e 2010. Como parte das ações do programa de Turismo Social do Sesc São Paulo, a exposição teve o objetivo de tornar histórias de vida e experiências dos viajantes em cenários fotográficos e testemunhos dos participantes das viagens promovidas pela unidade. O processo descritivo da criação da exposição, juntamente com a análise da relação viajante/viagem, resultou em uma abordagem sobre as possibilidades de extensão da melhoria da qualidade de vida por meio de novas experiências e da construção de relações socioafetivas pelo público idoso. Trata-se de um projeto inédito, que foi além da participação em passeios e excursões. Trouxe o ponto de vista diverso e único dos viajantes, transformando os percursos trilhados em experiências lúdicas e educativas que puderam ser compartilhadas com um público ainda maior.

**Palavras-chave:** Idoso; viagem; experiência; relações; afeto.

**ABSTRACT**

*The work consists of the description of the experience obtained in the process of conceiving and monitoring the exhibition “De mala pronta - the Sesc traveler tells his story”, part of the program of the provisional unit of Sesc Avenida Paulista in 2009. As part of the actions from the Sesc São Paulo Social Tourism program, the exhibition aimed to turn life stories and experiences of travelers into photographic scenarios and testimonies of participants in the trips promoted by the unit. The descriptive process of creating the exhibition together with the analysis of the traveler / trip relationship, resulted in an approach on the possibilities of extending the improvement of quality of life through new experiences and the construction of socio-affective relationships by the elderly. This is an unprecedented project that went beyond participation in tours and excursions. It brought the diverse and unique point of view of the travelers, transforming the paths taken into playful and educational experiences that could be shared with an even larger audience.*

**Keywords:** Ancient; trip; experience; relations; affection.

## **INTRODUÇÃO**

A exposição “De mala pronta – o viajante do Sesc conta sua história”, realizada na unidade provisória do Sesc Avenida Paulista<sup>1</sup>, no período de 30 de outubro de 2009 a 08 de março de 2010, como parte das ações do programa de Turismo Social do Sesc São Paulo<sup>2</sup>, teve o propósito de tornar histórias de vida e experiências em cenários fotográficos e testemunhos dos participantes das viagens promovidas pela unidade.

Foram abordadas experiências vividas por um público majoritariamente idoso, nas quais, por meio da análise da relação viajante/viagem, sobressaíram os benefícios para melhoria da qualidade de vida e a construção de novas relações socioafetivas, que as viagens podem proporcionar. Como ressalta Boullón (2004, p. 110), “ninguém parece imutável diante da experiência de uma viagem. Até os mais indiferentes aumentam a receptividade às coisas, acontecimentos e pessoas com que se deparam durante uma viagem”.

Assim, o projeto, considerado inédito até o período de sua realização, excedeu às experimentações dos passeios e excursões e explicitou, por meio de cenários e relatos, a diversidade de vivências e formas de transformar a viagem numa experiência lúdica e educativa, compartilhada com pessoas visitantes das instalações que interagiam com os recursos audiovisuais, expondo seus próprios relatos e impressões.

Integra a construção deste artigo, a descrição de parte dos processos de criação e dos cenários que compuseram a exposição, trechos de depoimentos dos viajantes e pesquisas bibliográficas nos âmbitos das áreas da Sociologia, Memória, Oralidade e Turismo.

O termo “viagem”, mencionado no decorrer do texto, refere-se à ação vivida pelos viajantes tanto em passeios como em excursões e demais formas de deslocamento.

Em respeito ao anonimato destes, serão usadas somente as iniciais dos nomes e parte dos resultados das entrevistas que serão mencionados foram previamente autorizados.

## **VIAGEM E ENVELHECIMENTO**

O ato de viajar integra a experiência humana desde os mais longínquos tempos da história e, pelo fato de ser uma ação composta por diferentes formas de deslocamentos e para diversos destinos, habita o imaginário que antecede o encontro com o desconhecido.

**1** A unidade provisória do Sesc Avenida Paulista encerrou as suas atividades em 21 de março de 2010 para reforma e modernização do prédio e retornou às atividades no dia 29 de abril de 2019.

**2** Atualmente, além das estadas no Sesc Bertioga, o Turismo Social do Sesc São Paulo programa passeios, excursões e ações do projeto Outras Viagens.

### Artigo 5

Exposição de Mala Pronta - o viajante do Sesc  
conta sua história: memórias e realizações

A viagem promove as mais diversas formas de vivências e emoções. De acordo com Leed (1991, p. 5, apud Trigo, 2010, p.24), “viajar é a experiência paradigmática, o modelo de uma experiência genuína e direta que transforma a pessoa que realiza”.

A viagem prescinde de expectativas e a sua experimentação engloba movimentos, atitudes e descobertas. Modernell (2011, p. 11) a define como um ato único, com um valor arquetipo:

“[...] especialmente as mais ousadas, para lugares distantes, de caráter exploratório. São uma forma que move homens e mulheres de todos os tempos e de todas as partes a saírem da zona de conforto para se arriscarem na experiência do diferente, do estranho, do novo”. (Modernell, 2011, p. 11)

Assim como os percursos da vida, de acordo com Trigo (2010, p. 39), “a viagem é algo sem retorno que nos leva ao autoconhecimento e à consciência do nosso eu, de nossa história, de nossas possibilidades e limitações, de nossas vitórias e derrotas, sonhos e desilusões.” Nesta gama de vivências citadas por Trigo, as experiências de viagens no decorrer de uma vida caminham ao lado do envelhecimento, sendo este um processo integrante da vida do ser humano e culmina em uma gama de memórias e vivências que unificam a trajetória de vida da pessoa.

Neste contexto, o envelhecimento vem a ser abordado em interface com o universo das viagens e se dá acompanhado de uma trajetória geográfica, de convivências e de experimentações.

Sendo assim, o processo apresentado nos tópicos a seguir é originado de experiências únicas de vida, expostas seletivamente por cada um dos viajantes que participaram da criação da exposição.

### **O PROCESSO DE CONCEPÇÃO DA EXPOSIÇÃO**

Delineada em torno das ações comemorativas ao Dia Mundial do Turismo, em 2009, o Sesc São Paulo teve como tema: “Identidade regional e patrimônio”, quando houve a iniciativa de realizar uma homenagem às pessoas que participavam dos passeios e excursões do programa de Turismo Social.

Naquele mesmo período, foi confirmado o fechamento da unidade para reforma, e a programação de viagens que ali era realizada foi planejada para ser diluída entre algumas unidades da Capital de forma a atender o público usuário do Sesc de maneira mais ampla. Assim,



**Neste contexto, o envelhecimento vem a ser abordado em interface com o universo das viagens e se dá acompanhado de uma trajetória geográfica, de convivências e de experimentações.**

o motivo do fechamento contribuiu para a oportunidade de criação de uma programação que celebrasse a trajetória histórica do Turismo Social por meio das experiências dos viajantes que participavam das ações há muitos anos e que de certa forma apresentavam um laço afetivo com ele.

A unidade do Sesc Avenida Paulista, no decorrer de suas ações no programa de Turismo Social, tinha entre seus usuários, pessoas muito assíduas, que usufruíam das viagens desde o início do programa, em 1946, por meio das temporadas no Centro de Férias do Sesc Bertiogalitoral de São Paulo.

O processo de criação se deu por meio de um rigoroso trabalho de pesquisa, registros fotográficos, entrevistas, coleta de dados e materiais que deram origem, por meio de uma criação artística, a um ambiente imerso no universo das viagens.

Além da atuação dos funcionários da unidade, foram fundamentais as participações da antropóloga Renata Delduque<sup>3</sup>, da fotógrafa Michele Mifano<sup>4</sup> e da diretora de arte Vera Hamburger<sup>5</sup>, que integraram todos os processos de concepção e concretização do projeto.

Na primeira fase, foram contatados quarenta e quatro viajantes, dos quais, dezesseis apresentaram-se dispostos a participar, cientes de que a exposição tinha o propósito de mostrar ao público parte de suas experiências de vida. Foram realizadas as dezesseis entrevistas domiciliares com registros fotográficos, empréstimos de objetos para compor as instalações, dos quais alguns tiveram a reprodução em réplicas de algumas coleções, como a de cédulas e moedas de vários países de S.C.R. e a coleção de camisetas de S.A.N., cujas artes foram transformadas em uma imensa cortina de voil.

As entrevistas deram origem a registros falados e fotográficos dos viajantes, em que se resgataram as lembranças de viagens, formas de registrá-las, objetos usados para viajar, além da sua relação com o programa de Turismo Social promovido pelo Sesc São Paulo.

**3** Renata Delduque atuou com o propósito de coletar informações sobre as histórias de vida das pessoas que aceitaram participar do projeto.

**4** Michele Mifano participou das entrevistas e realizou todo o registro fotográfico que compôs os cenários e relatórios

**5** Vera Hamburger atuou como diretora de arte e foi a responsável pela criação cenográfica de todos os ambientes da exposição.

**Artigo 5**

Exposição de Mala Pronta - o viajante do Sesc  
conta sua história: memórias e realizações

**6** Sesc São Paulo. Os viajantes usuários do Programa de Turismo Social do Sesc São Paulo. Relatório que descreve o processo de entrevistas e coleta de dados dos entrevistados.

**7** Este programa do Governo Federal teve a sua primeira fase encerrada em 2010 com os seus propósitos concretizados, em 2013, com o lançamento da segunda edição, as propostas se apresentaram mais abrangentes e flexíveis em relação aos descontos, sem restrição de acesso em relação aos períodos e destinos turísticos brasileiros em qualquer época do ano. <http://www.turismo.gov.br/acesso-a-informacao/63-aco-es-e-programas/4886-programa-viaja-mais.html>. Acesso em: 1º de fev. de 2020. No ano de 2016, o governo federal anunciou o cancelamento do programa, com a justificativa de que já havia sido cumprida a proposta de forma integral. Esta ação que veio a se concretizar em 2017.

**8** Fonte: <http://www.diariodasaude.com.br/news.php?article=transformar-terceira-idade-em-idade-ativa-ajuda-a-viver-melhor>. Acesso em: 09 jul. 2009.

O material coletado das entrevistas serviu como base para a diretora de arte Vera Hambúrguer detectar diversas “identidades dos viajantes” que, meses depois, transformaram-se em instalações que começavam no espaço térreo da unidade, com continuidade pelas escadas e elevadores, terminando no espaço expositivo principal, localizado no segundo andar.

Os resultados apresentados a seguir foram extraídos do relatório<sup>6</sup> elaborado pela antropóloga Renata Delduque e que trarão uma clara ideia do que foi o processo.

### **PERFIL DOS VIAJANTES E MOTIVAÇÕES PARA VIAJAR**

O perfil dos dezesseis entrevistados e entrevistadas apresentou uma predominância de idosos acima dos 60 anos, sendo que sete eram mulheres viúvas, quatro mulheres eram solteiras, uma mulher era separada, um homem era viúvo e os outros seis eram compostos por três casais.

As entrevistas foram iniciadas em 22 de agosto e terminaram em 1º de setembro. Foi um período intenso, em que Renata Delduque e Michele Mifano iniciaram uma jornada de visitas diárias, começando a descortinar uma gama de experiências de vida.

Como base para iniciar as entrevistas, Renata buscou um panorama sobre como as pessoas idosas se relacionavam com as viagens, como tinham acesso a elas e como era o perfil deste público.

Naquele ano, destacou-se o contexto político e socioeconômico do Brasil, o plano do governo federal, voltado para o incentivo e acesso às viagens direcionadas ao público de idosos. Trata-se do programa Viaja Mais Melhor Idade, estabelecido em 2007, com o objetivo de viabilizar o acesso de idosos maiores de 60 anos às viagens de lazer, de forma a movimentar o turismo nacional<sup>7</sup>.

A primeira edição do programa Viaja Mais Melhor Idade trouxe, à época, dados que iam ao encontro do perfil do público idoso entrevistado: predominância do público com mais de 60 anos, majoritariamente feminino e com grande disponibilidade para viajar anualmente. Ainda em relação à faixa-etária da maioria dos entrevistados e entrevistadas, a preponderância de mulheres era uma realidade, pois, no Brasil, verificava-se uma proporção de quase cinco mulheres viúvas para cada homem viúvo<sup>8</sup>.

Além das características das pessoas entrevistadas citadas anteriormente, elas também apresentavam pontos em comum em relação às motivações para viajar:

- a disposição e entusiasmo pela vida;
- o gostar de conhecer pessoas e fazer planos;
- uma alta disciplina e meticulosidade ao planejar a viagem como se notou na elaboração de lista para fazer as malas, nas anotações detalhadas, na organização dos álbuns, nas coleções de lembrancinhas, na necessidade de anotar as tarefas do dia, no jeito de organizar as roupas no guarda-roupa.

Além das viagens realizadas de forma constante, participavam de outras atividades – culturais (exposições, concertos, teatro...) e físicas (hidroginástica, natação, ioga, caminhada e condicionamento físico), promovidas pelo Sesc.

O histórico de vida indicou que já eram pessoas dinâmicas antes de conhecer o Sesc, mas, no decorrer das entrevistas, tornou-se visível que a participação nas atividades do Sesc era fundamental para a manutenção da vitalidade física e psicológica.

Em relação ao público feminino, como embasamento para os resultados que estavam sendo obtidos nas entrevistas, a antropóloga Renata Delduque buscou informações no portal Diário da Saúde, onde a reportagem com o tema: “Transformar terceira idade em idade ativa ajuda a viver melhor<sup>9</sup>” trouxe informações de que “Estudo feito com mulheres a partir dos 60 anos, que participam há pelo menos um ano de programas para terceira idade, indicou que o envolvimento em tais iniciativas podia colaborar para a manutenção da boa qualidade de vida e do bem-estar psicológico”. A matéria ainda abordou que, da mesma forma, o círculo de amizades formado por estas mulheres ajudava a superar perdas de entes queridos e nos impactos negativos trazidos por problemas surgidos no decorrer do envelhecimento.

<sup>9</sup> Fonte: <http://www.diariodasaude.com.br/news.php?article=transformar-terceira-idade-em-idade-ativa-ajuda-a-viver-melhor> Acesso em: 9 jul. 2009.



**O histórico de vida indicou que já eram pessoas dinâmicas antes de conhecer o Sesc, mas, no decorrer das entrevistas, tornou-se visível que a participação nas atividades do Sesc era fundamental para a manutenção da vitalidade física e psicológica.**



### Artigo 5

Exposição de Mala Pronta - o viajante do Sesc  
conta sua história: memórias e realizações

Observou-se entre os entrevistados e entrevistadas que o impulso para aderir ao programa de Turismo Social do Sesc deveu-se a alguns eventos:

- a chegada da aposentadoria;
- o momento da solidão causado pela viuvez e outros lutos familiares;
- o prévio contato com outras ações do Sesc como as programações artísticas, atividades físico esportivas e tratamento odontológico;
- recomendações de amigos.

A antropóloga descreveu que, durante as entrevistas, grande parte dos viajantes relatou o contato com as viagens como “uma fase de renascimento”. Foi então que a abordagem de que a participação nas viagens trouxe benefícios para a melhoria da qualidade de vida deles ganhou ênfase, tema de destaque no tópico a seguir.

### **RELAÇÃO VIAJANTE/VIAGEM: TRANSFORMAÇÃO, REVIGORAMENTO E NOVOS CONHECIMENTOS**

Entre os viajantes, foram encontradas pessoas que viajaram através do programa de Turismo Social do Sesc cerca de cinquenta a cem vezes. Desta forma, abre-se a imaginação para as possibilidades de transformações, revigoramento e crescimento pessoal que estas experiências trouxeram no decorrer da vida.

Destaca-se, ao longo do processo, a relação dos viajantes com o programa de Turismo Social do Sesc, porém, a maior parte dos entrevistados e entrevistadas também viajava com empresas do mercado e usufruía de roteiros que não eram oferecidos pelo Sesc, dos quais se destacam os destinos internacionais e viagens aéreas. Também sobressaiu a relação dos viajantes com inúmeras motivações para suas viagens, entre as quais:

A.R.D. já queimava o chão com o marido antes de conhecer o Sesc. “Ia de carro para Minas, para Goiás...”

Os casais J. F./O.L.M.F e C.M.R.N/S.A.N. e S.A.G. viajavam desde os tempos do “camping selvagem”. O marido da S.A.G. chegava em casa e perguntava: “Vamos?” e ela respondia: “Vamos!”

C.M.R.N é uma eterna buscadora de viagens. “Por mim eu só viajaria.”

M.E.F., quando menina e morava no Ceará... “já tinha uma mala pronta, era só minhas tias falarem – vamos pra lá, vamos pra cá...”

S.A. já viajou muito e quer viajar até o último dia da vida.

E.M.P. sonhava em morar em outro país; teve 50 correspondentes de fora do Brasil. Tem muitos vídeos sobre países, história, viagens.



**Encontravam nas viagens um meio prazeroso e interessante de passar o tempo e preencher a necessidade de se relacionar. Inclui-se aí a situação de que a maioria já se encontrava - aposentada e com os filhos adultos.**

E.L.N.T. iniciou a vida profissional aos 12 anos, em uma fábrica e, até se formar em Secretariado, ocupou postos simples de trabalho. “Mesmo assim viajava em todas as minhas férias. Para cá, ou para lá, para algum lugar eu sempre ia.”

S.C.R. iniciou seu ciclo de inúmeras viagens há 50 anos.

V.N.A. gosta de viajar... “desde pequena, ia para Diamantina, vinha para São Paulo...”

Os relatos identificaram que todos sempre gostaram de viajar desde a infância, que não concebiam suas vidas sem as viagens e estimavam os conhecimentos adquiridos nelas. Além disso, valorizavam as anotações de viagens de forma a rememorar as experiências posteriormente e compartilhar entre os amigos. Como relata Spolon (2010, p. 203), “O mundo do turismo e das viagens é um universo mágico, cheio de surpresas, carregado de sonhos, fantasias e sensações indescritíveis, impossíveis de serem produzidas materialmente e que muitas vezes, só podem ser descritas em histórias (...)”.

Com a observação voltada para a situação socioeconômica dos viajantes, foi constatado que se tratava de pessoas com recursos financeiros e tempo disponível, e que de certo modo se sentiam solitárias. Encontravam nas viagens um meio prazeroso e interessante de passar o tempo e preencher a necessidade de se relacionar. Inclui-se aí a situação de que a maioria já se encontrava aposentada e com os filhos adultos. Assim, os recursos financeiros viriam dinamizar uma necessidade pré-existente de viajar. Já entre os que se encontravam ativos profissionalmente, sentiam a mesma necessidade e contavam com os períodos de férias, finais de semana e feriados.

A necessidade de conhecer novos lugares também começou a se sobressair no decorrer das entrevistas tanto nas anotações como nos relatos sobre os locais visitados, mostrando o interesse por costumes, história, geografia, culinária, política, arquitetura, linguagem, arte e natureza.

**Artigo 5**Exposição de Mala Pronta - o viajante do Sesc  
conta sua história: memórias e realizações

“A gente amplia os horizontes tanto culturalmente quanto historicamente e são acrescentados muitos conhecimentos geográficos, religiosos, econômicos, políticos, botânicos, arquitetônicos...” (E.M.P.)

“O aspecto cultural das viagens, eu não acho importante. Acho importantíssimo.” (H.M.C.C.S.)

“Conhecimento, é isso que as viagens trazem para a minha vida.” (M.M.)

Também se destaca entre as características destes viajantes, o fato de serem pessoas que se informavam antecipadamente sobre os locais a serem visitados e de se sentirem enriquecidas com os conhecimentos adquiridos durante as viagens, inclusive através dos guias de turismo, que valorizavam muito o preparo.

Desta forma, foi considerada essa característica de viajantes, que se tornaram exigentes em relação ao conteúdo dos roteiros, tornando-se estimadas as viagens com grande teor histórico-cultural e, algumas vezes, roteiros que se apresentavam com alguns períodos livres, eram criticados.

Acrescenta-se a este perfil, pessoas que partem para as suas jornadas em busca do conhecimento e que se referem às experiências de viagens como forma de revigoramento de energias, conforme se vê nos depoimentos a seguir:

“Viajar é o milagre da multiplicação da energia. Viajar me deixa muito feliz, rejuvenesce, eu sinto a energia do meu corpo inteiro, de todos os chacras. A coisa mais espetacular é viajar. Não tem uma música que fala – Viver será só festejar? Para mim é Viver será só viajar. Como quero viajar muito, mas muito ainda, não quero me aposentar, porque aí não teria dinheiro para viajar tanto.” (C.M.R.N.)

“A gente volta das viagens com mais saúde, mais ânimo, recarrega todas as energias. A gente vê coisas novas, bonitas; as viagens descansam a cabeça, relaxam.” (V.N.A.)

“Acho que viajar é a melhor coisa da vida. Você, viajando, conhece coisas novas, coisas diferentes, faz relacionamentos interessantes... Enfim, é uma maravilha. O aspecto cultural das viagens, eu não acho importante. Acho importantíssimo. E o Sesc educa, você sabia disso?” (H.M.C.C.S.)

“Eu gosto de viajar, é o meu hobby, acho maravilhoso e, segundo meu médico, é receita geriátrica. Esse negócio de viagem já vem do tempo do meu marido, ele chegava em casa e falava – vamos? Vamos! Eu procuro manter a minha saúde, me cuido, faço todos os exames, porque se não tivesse saúde não poderia viajar. As viagens me trazem amizade, confraternização, conhecimento.” (S.A.G.)

“Além do prazer, as viagens trazem conhecimento, oportunidade de conhecer muito mais a alma humana e espiritualidade, porque quando você fica num ponto em que a natureza é exuberante e não tem poluição sonora e visual, a espiritualidade exacerba. E o contato humano é fundamental, a essência humana é uma só. Essa descoberta da essência humana, acho fundamental e, também, essa descoberta da espiritualidade. Uma coisa é você rezar na sua casa e outra, olhando para o céu, numa praia, embaixo de um coqueiro. Uma vez estávamos em Arembepe, de repente, descobri – puxa, conforme batia o vento com as folhas, formou uma musicalidade. Essas coisas são fundamentais, como essa integração com a natureza.” (S.A.N.).

#### **GUARDADOS NA MEMÓRIA: COLEÇÕES E RECORDAÇÕES**

A ação de estímulo aos viajantes para falarem de suas vidas e de suas experiências em viagens foi vista pela antropóloga como o “puxar um fio de novelo que se iniciava quando a entrevista era marcada e que não se esgotava após o encontro”.

As lembranças continuavam a vir à tona e era comum a antropóloga, a fotógrafa, a diretora de arte e a equipe do Sesc receberem telefonemas dos entrevistados, geralmente no dia seguinte em que haviam dado seus depoimentos para dizer que haviam encontrado mais objetos, que teriam novas histórias a acrescentar.

A antropóloga destaca frases como: “olha, me lembrei de tal coisa...”, “falei do Coliseu, das Muralhas da China, mas esqueci de falar da Terra Santa e das Pirâmides do Egito”... “Achei uma carteirinha da época de Bandeirante”... “Estou procurando a carta que escrevi para minha mãe na primeira viagem que fiz, aos 13 anos...”.

Essa trajetória geográfica no decorrer da vida vem acompanhada de inúmeras memórias, seja, de acordo com Worcman (2006, p.10), tudo que é retido por ela é resultado de suas experiências de forma seletiva “[...] seja um procedimento consciente ou não. Portanto não é um depósito de tudo que nos acontece, mas um acervo de situações marcantes”.

A memória, quando estimulada, abre as portas para o que ali está guardado, como o caso de C.M.R.S. que, em sua viagem no tempo, acrescentou após a entrevista: “Essa semana, eu fiquei mexendo nas fotos, ah, eu fiquei vivendo no passado... Eu li algumas cartas, chorei às vezes, mas de modo geral fiquei muito contente de ter feito o que eu fiz. Essa semana inteira eu fiz um balanço, sábado passado choveu, daí eu fiquei sábado e domingo inteiro em casa, só mexendo nessa

**Artigo 5**

Exposição de Mala Pronta - o viajante do Sesc  
conta sua história: memórias e realizações

papelada velha... Eu vi as fotos, eu era uma pessoa alegre, ninguém diria que eu passei pelo que eu passei... Engraçado, que força extraordinária que a gente tem, não sei de onde, quando precisa... E Deus me ajudou que me deu saúde, não é? (risos)... Até que eu estou gostando de mexer nessas coisas...”

Uma característica recorrente entre os entrevistados e entrevistadas era a forma de guardarem suas recordações de viagens. Durante as entrevistas, era comum os objetos serem trazidos em caixa de sapato, caixa de inalador, caixa de papelão comum, gaveta, baú, entre outros objetos que armazenavam suas lembranças e registros. Nestes objetos acolhedores de recordações estavam guardadas as papeladas de viagem como fotos, folhetos, envelopes com as reservas das viagens, bilhetes dos colegas de viagem, dos guias, além de pequenas lembranças ganhadas ou compradas.

As fotos aparecem como um dos maiores estímulos para reviver e recordar as viagens. Todos se apresentavam com uma quantidade significativa de fotos, muitas destas em álbuns de fotografias, que eram tiradas por eles/as ou apresentados pelo/as amigo/as.

Sem dúvida, as fotos são os maiores estímulos para lembrar/reviver. Todos têm muitas fotos e os que não costumam fotografar, declararam que, geralmente, recebiam fotos dos companheiros de viagem.

Como menciona V.N.A.: “Álbum é muito bom, a gente lembra das viagens, aí fica – lembra desse restaurante? Estava muito boa aquela comida... A gente fica recordando, nossa, é muito bom”.

Os roteiros descritivos das viagens também se apresentavam entre as recordações da maioria, pois são estímulos importantes para a lembrança dos locais visitados. Entre as informações mais valorizadas estavam: locais por onde se hospedaram, a quantidade de cidades visitadas, restaurantes, nome de pessoas que faziam amizades nos locais de destino, entre outras.

Desta forma, a característica de colecionadores também não tardou a aparecer nos processos das entrevistas, nos quais diferentes objetos eram mostrados no decorrer das entrevistas como recordações trazidas dos locais visitados: imãs de geladeira, porta-chaves, peças artesanais, chaveiros, cédulas de diferentes países, camisetas, vidrinhos com areias de alguns países visitados, entre outras coleções.

Todo este percurso de entrevistas deu origem a uma linha de abordagem que deu o rumo à criação de algumas instalações da exposição: a característica peculiar de cada “viajante”, ou seja, uma “identidade viajante”. Esta identidade era delineada pela cenógrafa por meio da



**O que se traz das viagens reflete o que se “busca” nelas, de acordo com o temperamento e interesses de cada viajante. Mas com a idade ou com o acúmulo da experiência de viajar, aquilo que se sente necessidade de trazer e guardar pode se modificar.**

sensibilidade de observar como cada pessoa tinha sua forma peculiar de arrumar suas bagagens, registrar suas viagens, e de colecionar e guardar suas lembranças, como as coleções de chaves mostravam caminhos percorridos, os mapas desenhados a mão sinalizavam os países visitados, as listas de viagens organizadas de forma cronológicas e roteiros encadernados.

Entre as análises que dialogam com este processo, a antropóloga Renata Delduque destacou: o que se traz das viagens reflete o que se “busca” nelas, de acordo com o temperamento e interesses de cada viajante. Mas com a idade ou com o acúmulo da experiência de viajar, aquilo que se sente necessidade de trazer e guardar pode se modificar.

Alguns tinham muito material para mostrar e não pretendiam renunciar a eles, como coleções de objetos, folhetos e cartões; pedras; peças artesanais; diários de viagem; mapas; envelopes da reserva das viagens; vídeos; slides, filmes Super 8. Outros eram frugais: tiravam poucas fotos, guardavam apenas alguns folhetos, e quase não faziam compras em viagem...

Alguns demonstravam querer “guardar no coração”, prescindindo de coisas tangíveis, desapegando-se da necessidade de trazer consigo provas do “estive lá” – ou seja, estão renunciando aos “troféus de viajante” ou estão transformando esses objetos em experiências de “espiritualidade”, tal como a que experimentou S.A.N. em uma de suas viagens.

Neste contexto, Krippendorff (2000, p. 93) realiza uma abordagem a partir de seu ponto de vista sobre o que se traz de uma viagem:

“[...]O que se traz da viagem? Os bibelôs colocados em uma prateleira ou presos na parede ou os álbuns de retrato - seriam essas as únicas lembranças que nos restam? Saímos enriquecidos da nova experiência? Será que ela vai modificar nossa atitude face à vida e nosso comportamento cotidiano? [...]”

**Artigo 5**Exposição de Mala Pronta - o viajante do Sesc  
conta sua história: memórias e realizações

Em contrapartida à abordagem de Krippendorff, Renata Delduque, a antropóloga, analisa o ato de colecionar ao fato de que se trata de um aspecto de delineamento da trajetória do viajante, na qual são registrados os seus feitos e se tornam testemunhos da sua biografia.

**A MATERIALIZAÇÃO DO PROCESSO**

Após um cuidadoso estudo e observação do material, a diretora de arte, Vera Hamburger, com um olhar peculiar e cuidadoso, iniciou a criação dos ambientes e instalações com base na identidade e perfil que cada viajante apresentava.

As experiências de vida foram analisadas, dotando-se a diretora de arte de intensa sensibilidade para compor os seus processos criativos, onde o ato de observar e refletir se deu na transformação dos dados, na busca de proporcionar o encontro com a estética a partir de uma experiência afetuosa e criativa. De acordo com Bosi (2003, p. 41), “Arte: percepção aguda das estruturas, mas que não dispensa o calor das sensações”.

As instalações foram compostas de painéis fotográficos, depoimentos, objetos, álbuns, cartas e lembranças de viagens recolhidas dos viajantes. Contou com exposições de depoimentos em telas distribuídas pelos espaços, onde as pessoas podiam ouvir os relatos.

Em tese, a memória foi transformada em arte, em experimentos, onde a partir da análise da citação de Thompson:

A inserção de formas em contextos sociais também implica que, além de serem expressões para um sujeito (ou para sujeitos), são, geralmente, recebidas e interpretadas por indivíduos que também estão situados dentro de contextos históricos específicos e dotados de vários tipos de recursos; o modo como uma forma simbólica particular é compreendida por indivíduos pode depender dos recursos e capacidades que eles estão aptos a empregar no processo de interpretá-la. (Thompson, 2009, p. 201)

Partindo desta análise de Thompson, a exposição foi concebida segundo as experiências, sendo criadas instalações em ambientes interativos, onde cada visitante teve a oportunidade de promover o seu próprio momento de experimento com base nas suas próprias percepções e experiências de vida.

## ESPAÇOS EXPOSITIVOS

A descrição das instalações tem o propósito de conduzir o leitor a processos imaginários dentro dos espaços.

**Térreo:** Painel em madeira com parte do mapa do Brasil e destaque ao Estado de São Paulo, remetendo à espacialidade do viajante e aos principais destinos visitados. Ambientação sonora com vozes gravadas pelos viajantes, onde o significado da viagem na vida destas pessoas é destacado. É importante salientar que a colocação das cidades no mapa não correspondia exatamente a sua localização com o propósito de “movimento”.

**Escadas:** Ambientação sonora e instalação em LED com as mesmas frases citadas pelos viajantes.

**Elevadores:** A ambientação dos elevadores se deu com o propósito de que este fosse uma mala que conduziria as pessoas do térreo ao segundo andar, iniciando um contato com o universo das viagens.

Toda a ambientação do térreo ao segundo andar teve o propósito de conduzir o visitante ao universo das viagens, partindo de dois princípios: frases > despertar a expectativa e ambientação do elevador > mala > materialização do processo da viagem.

**2º Andar:** Apresentação: vitrine arrumando a mala - destaque aos objetos de S.C.R., entre eles, roupas, livros levados em viagens, itens de nécessaire etc.

**A entrada no universo das viagens:** para despertar a ideia de entrar no universo das viagens, foram expostas fitas em voal por meio da impressão de destinos diversos no Brasil, provindas da coleção de camisetas de S.A.N.

**Ambiente – Ônibus:** No corredor de entrada para os espaços principais, a ideia foi inserir o ônibus, que após as expectativas de lugares e coisas encontradas desde o espaço térreo, escadas e elevadores, o ônibus é a condução à viagem. No espaço figurativo do ônibus, havia instalações sonoras extraídas de um procedimento de embarque rodoviário. Foram captadas conversas, apresentação da tripulação (guia e motorista) e procedimento do início de uma viagem.

**Espaço hotel:** O espaço hotel teve como objetivo transmitir a entrada e a recepção do grupo após o percurso da viagem. O ambiente tinha quadros com alguns centros de hospedagens do Sesc no Brasil. O ambiente teve o objetivo de acolhimento e o visitante podia sentar-se nos sofás. Havia também um balcão com guarda volumes, relógios com três fusos diferentes e tabela de preços figurativa.



**Artigo 5**

Exposição de Mala Pronta - o viajante do Sesc  
conta sua história: memórias e realizações

Antes da entrada no ambiente conceitual “Painel dos Viajantes”, havia uma instalação com tela de plasma, que exibia uma produção audiovisual exclusiva para a exposição, com fotos coletadas pelos viajantes.

No ambiente do painel dos viajantes, a primeira instalação exibe uma homenagem a M.A.F, identificada como viajante que sempre agregava a vaidade ao universo de suas viagens, além de sua simpatia e carisma.

Ao lado de M.A.F estava o painel em homenagem a E.M.P., onde foram destacadas a beleza e a alegria em sua expressão ao se referir a suas experiências de viagens.

Em um painel coletivo, encontrava-se um personagem central, S.A.G, que no decorrer das entrevistas apresentou uma característica de líder entre grupos de amigos. Junto a este painel foram reunidos objetos de pessoas que eram mais próximas.

Outro painel, destacava C.M.R.S, com características voltadas para a intelectualidade, onde se encontrava a réplica de uma carta em alemão escrita durante uma viagem de navio a uma tia na Alemanha, além de outra réplica da carta de resposta da tia. Neste caso, a pessoa em questão traduziu as duas cartas para ficarem expostas ao lado da réplica durante a exposição.

Em homenagem a S.C.R., outro painel que retratava algumas fases de sua vida e de suas mais expressivas experiências de viagens, como uma réplica da Certidão de Nascimento, a carteira de filiação do Cine Clube Bandeirantes de São Paulo, onde ele foi fotógrafo premiado, além da máquina verdadeira que gerou as fotos do prêmio, um mapa Mundi com os países visitados pintados a lápis, entre outros objetos.

Uma instalação audiovisual mostrou entrevistas com os viajantes, produzidas especialmente para a exposição. Esta instalação ficou entre “luzinhas de tomadas”, porque durante as entrevistas grande parte das viajantes declarou levar este objeto para instalar à noite no quarto do hotel durante suas viagens, por se encontrarem em um ambiente desconhecido de suas casas.

Um painel coletivo com fotos e resumo do perfil de cada viajante compôs a área central da exposição.

Houve também uma cabine de depoimentos, onde, em tempo real, as pessoas podiam interagir gravando seus depoimentos, que, quinzenalmente, eram editados e exibidos ao público.

Vale a pena lembrar que toda a reprodução visual e audiovisual teve a assinatura e concessão de seus protagonistas.

Além da cabine de depoimentos, um espaço denominado “Sala de embarque” exibia réplicas de coleções dos viajantes que todos podiam manusear e se sentar em sofás e cadeiras disponíveis e apreciar com vista para a Avenida Paulista.

Finalizando o ambiente expositivo, um espaço com sons da natureza exibia fotos de viajantes durante viagens em ambientes naturais. Uma homenagem a dois guias de turismo foi prestada com coleções e fotos deles.

Foi um período de muita interatividade do público, era comum ver pessoas se emocionando com os relatos de viagens, descrevendo aos arte-educadores as suas emoções.

A equipe de arte-educadores foi especialmente treinada para a exposição, sendo a formação dos mesmos voltada para as artes plásticas e artes cênicas.

Esse processo descrito teve uma dedicação imensa de todas as equipes envolvidas, cada detalhe foi extremamente importante. Trabalhar experiências de vidas reais e torná-las públicas através da arte é um ato que requer ética, sensibilidade, criatividade e dedicação

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Realizar viagens no tempo para compor este artigo trouxeram recordações de momentos em que várias trajetórias de vida foram expostas e chegaram a inúmeras pessoas que visitaram, interagiram e se emocionaram nos espaços da exposição.

Interagir com pessoas corajosas e dispostas a abrir armários, mostrar detalhes, reviver suas experiências de viagem e expor parte de suas trajetórias de vida requer muito cuidado, ética e respeito.

Estas pessoas, representadas em diferentes cenários, tornaram-se personagens e passaram a ser admiradas pelas experiências e conhecimentos que transmitiram ao público.

Em outro contexto, considera-se a importância das relações sociais para a qualidade de vida da pessoa idosa, já que por meio da viagem estas relações podem se intensificar, pois ela requer um planejamento prévio prazeroso como arrumar as malas e fazer planos, expectativas para a realização de sonhos, as novas e antigas convivências e o encontro com o desconhecido.

Ao término da pesquisa, a antropóloga Renata Delduque realizou uma sensível análise de sua própria experimentação em adentrar ao



**Considera-se a importância das relações sociais para a qualidade de vida da pessoa idosa, já que por meio da viagem estas relações podem se intensificar, pois ela requer um planejamento prévio prazeroso como arrumar as malas e fazer planos, expectativas para a realização de sonhos, as novas e antigas convivências e o encontro com o desconhecido.**

universo das viagens: “As viagens são regidas por Chronos – senhor do tempo; pela Mãe Natureza – atemporal e pelos sentidos e afetos humanos. Elas trazem o aprendizado, a apreciação das paisagens, o encontro com a diversidade, a relação com a essência humana em diferentes lugares com peculiaridades históricas e culturais.

As viagens trazem novos conhecimentos, a ampliação de horizontes, inclusive da espiritualidade. As viagens proporcionam diferentes relações e troca de experiências com as pessoas que residem nas localidades visitadas e com os profissionais envolvidos. A viagem se revela neste contexto com um imenso poder revigorante, na qual, por meio de novas visões de mundo e energias renovadas se alcança um restabelecimento anímico.

O viajante coleciona folhetos, diários, fotos, lembranças. O viajante organiza, planeja, registra, compartilha recordações. A sucessão de viagens são os seus feitos e integra trajetórias de vidas.

O viajante envelhece e a sua trajetória geográfica, por onde acontecem novas descobertas, convivências e experimentações, compõe experiências únicas de vida, que, ao serem compartilhadas, ensinam, aguçam a curiosidade e emocionam. 📍

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 2003. 41p.
- BOULLÓN, Roberto C. *Atividades turísticas e recreativas. O homem como protagonista*. Tradução de Maria Helena O. O. Assumpção. Bauru, SP: Edusp, 2004, p. 111-112.
- KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do Turismo. Para uma nova compreensão das viagens. São Paulo: Aleph, 2000, p. 87-93.
- MINISTÉRIO DO TURISMO. *Programa Viaja Mais Melhor Idade*. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio\\_publicacoes/downloads\\_publicacoes/Viaja\\_Mais\\_Melhor\\_Idade.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio_publicacoes/downloads_publicacoes/Viaja_Mais_Melhor_Idade.pdf). Acesso em: 1º fev. 2020.
- MODERNELL, Renato. Em trânsito: um ensaio sobre narrativas de viagem. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, p. 11-16. (Coleção AcadeMack).
- SESC SP. *Os viajantes usuários do Programa de Turismo Social do Sesc São Paulo*. Trabalho de pesquisa realizado como base e instrumentalização para a Exposição De Mala Pronta - o Viajante do Sesc Conta sua história. São Paulo: Sesc São Paulo, 2009.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura Moderna. Teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 201.
- SOLON, Ana Paula. Once upon a hotel... A valiosa experiência de estar em um lugar que é, em tudo, muito diferente da sua casa. In: NETO, A.P.; GAETA, C. (Org.). *Turismo de experiência*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010, p. 203.
- THOMPSON, Paul. *História oral: patrimônio do passado e espírito do futuro*. In: História Falada: memória, rede e mudança social São Paulo: Sesc SP: I. Worcman, Karen. II.Pereira. Jesus Vasquez: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, p. 10-11.
- TRIGO, Luiz Gonzaga de Godoi. A viagem como experiência significativa. In: NETO, A.P.; GAETA, C. (Org.). *Turismo de experiência*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010, p. 21-41.